

PLANEAMENTO DE UMA PRÁTICA CULTURAL EM AMBIENTE AUTÁRQUICO: LEVANTAMENTO E RECOLHA DA MEMÓRIA DAS TABERNAS DA CIDADE DE SINES

Maria João Sampaio Marçal

**Relatório de Estágio
de Mestrado em Práticas Culturais para Municípios**

MARÇO, 2010



Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de **Mestre em Práticas Culturais para Municípios** inserido na área científica de História, realizado sob a orientação científica do **Professor Doutor António Camões Gouveia** (Faculdade Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa) e orientação no local do **Arquitecto Ricardo Pereira** (Câmara Municipal de Sines).

Maria João Marçal

Lisboa, 2010.

Á minha querida filha, Catarina.

*"Il est l'heure de s'enivrer! Pour n'être pas
les esclaves martyrisés du Temps, enivrez-
vous; enivrez-vous sans cesse! De vin, de
poésie ou de vertu, à votre guise."*

Charles Baudelaire

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Professor António Camões Gouveia e ao Arquitecto Ricardo pelo incentivo, apoio e generosidade durante todo o processo de orientação deste relatório.

Um especial agradecimento à Ana Rebelo, pela sua enorme generosidade, o seu incentivo, o seu apoio, a sua colaboração, e por não me deixar desistir, sem a sua genuína amizade este trabalho não teria sido possível.

À Sofia Costa, pelas suas maravilhosas fotografias e a sua presença constante nesta jornada.

Um agradecimento a todos os proprietários das tabernas: Sr. Armando Casal, Sr. João Pinheiro D. Maria Balbina Pinela, D. Maria Vidal, Sr. Vivaldo, Sr. Valentim, e todos os que se disponibilizaram a conversar: Sr. António Correia, D. Cidália D. Maria Cortes, D. Cidália.

Agradeço igualmente aos meus colegas e amigos pela indescritível disponibilidade e preciosas colaborações: António Caetano, António Campos, Carla Proença, Gonçalo Chinita, José Luís Matias e Paulo Mestre.

Agradeço à minha família, à minha mãe, às minhas irmãs e aos meus sobrinhos por acreditarem em mim.

Por fim agradeço à minha filha por ser tão tolerante.

RESUMO

PLANEAMENTO DE UMA PRÁTICA CULTURAL EM AMBIENTE AUTÁRQUICO: LEVANTAMENTO E RECOLHA DA MEMÓRIA DAS TABERNAS DA CIDADE DE SINES

Maria João Sampaio Marçal

O presente relatório reporta-se ao estágio desenvolvido em ambiente autárquico, na Câmara Municipal de Sines. Apresenta-se o resultado de um levantamento e recolha da memória das tabernas ainda em funcionamento na cidade de Sines no intuito da preservação da história local e do património cultural. Estão retratadas as conversas com os seus proprietários, assim como o testemunho das vivências passadas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Património; Cultura; História Local; Taberna.

ABSTRACT

PLANNING OF A CULTURAL PRACTICE IN MUNICIPAL ENVIRONMENT: SURVERY AND GATHERING OF MEMORY ELEMENTS IN THE TAVERNS OF SINES

Maria João Sampaio Marçal

The present report covers a traineeship had in municipal environment in Câmara Municipal de Sines (city council of Sines, Portugal). The report shows the results of the survey and gathering of memory elements conducted in the taverns still open in the town with the intent of preserving local history and cultural heritage. Interviews with the owners and testimonies of past experiences are portrayed.

KEYWORDS: Memory; Heritage; Culture; Local History; Taverns.

ÍNDICE

Introdução	1
I – Caracterização da Câmara Municipal de Sines	3
II – Visão Estratégica Cultural da Câmara Municipal de Sines	5
2.1. Programa de Regeneração Urbana - PRU	6
III – Projecto desenvolvido no âmbito do Estágio.....	8
3.1. As Tabernas	8
3.2. Breve Abordagem Histórica de Sines.....	10
3.3. Caracterização socioeconómica do Concelho	14
3.4. Natureza do trabalho de estágio.....	16
IV - Proposta de uma Prática Cultural	28
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
ANEXOS	35

INTRODUÇÃO

A experiência em ambiente autárquico que constitui o estágio a que o presente relatório se reporta decorreu no Serviço de Cultura da Câmara Municipal de Sines, mais concretamente no Museu de Sines, entre os meses de Setembro de 2009 a Fevereiro de 2010, integrando a componente não lectiva do curso de Mestrado em Práticas Culturais para Municípios.

O estágio decorreu sob a orientação local do Arquitecto Ricardo Pereira, coordenador do Museu e, teve a duração presencial de cerca de 400 horas.

Para além do acompanhamento das tarefas diárias do Museu, o trabalho centrou-se no desenvolvimento de um projecto de levantamento das tabernas ainda em funcionamento na cidade e a recolha dos testemunhos dos seus proprietários. Esse trabalho insere-se no programa “Redes do Tempo” que procura, através do registo da memória dos sineenses mais velhos e da recepção do contributo da população em objectos, fotografias e outros documentos, conhecer melhor o património do concelho. O início do estágio coincidiu também com a aprovação do Programa de Regeneração Urbana na qual estivemos indirectamente envolvidos e permitiu-nos acompanhar o processo de desenvolvimento da estratégia.

O nosso prévio conhecimento acerca do funcionamento estrutural e burocrático de uma autarquia facilitou todo o trabalho desenvolvido e permitiu-nos ter acesso a documentos internos. Este facto possibilitou-nos fazer uma caracterização da Câmara, seguida da definição da visão estratégica cultural da autarquia sem deixar de fazer uma referência ao Programa de Regeneração Urbana, que se encontra a ser implementado.

Cingindo-nos ao projecto de maior relevância no estágio, o levantamento das tabernas em funcionamento na cidade, centraremos o nosso discurso nas tarefas que foram levadas a cabo para o desenvolvimento do mesmo. Inicialmente, considerámos pertinente definir o nosso objecto de estudo, ou seja as tabernas e as suas funções ao longo dos anos, no sentido de averiguar quais as características de maior relevância que procurámos encontrar nos estabelecimentos actuais. De seguida pareceu-nos pertinente

fazer uma breve abordagem histórica e a caracterização demográfica do Concelho Sines para melhor compreender a vida social, económica e cultural dos seus habitantes.

De seguida foi efectuado o reconhecimento do território em análise. Visitámos vários estabelecimentos à procura das características tabernais e, conversamos com os proprietários. São algumas dessas visitas e conversas, nas tabernas que identificamos como estando ainda em funcionamento, que procuraremos relatar. Entender o funcionamento das tabernas no início dos anos 60 e no campo, na perspectiva de identificar as diferenças culturais, levou-nos a ter uma conversa com duas antigas “taberneiras” que nos deram o seu testemunho sobre as suas vivências passadas.

Para finalizar e, com o intuito de canalizar a informação recolhida ao longo deste trabalho, apresentamos uma proposta de prática cultural em torno das tabernas e do reviver o passado.

I – CARACTERIZAÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINES

O concelho de Sines encontra-se localizado no Alentejo Litoral, a 163 km a sul de Lisboa e 130 km da sede de distrito: Setúbal. Confina a Norte e Este com o concelho de Santiago do Cacém, a sul com o concelho de Odemira e a Oeste com o Oceano Atlântico. O concelho é composto por apenas duas freguesias, Sines e Porto Covo de criação recente.

O concelho de Sines possui uma área total de 200,95 Km² e 13577 habitantes¹:

- Sines – freguesia urbana, com uma área de 150,81 Km² e 12461 habitantes;
- Porto Covo – freguesia rural, com uma área total de 50,14 Km² e 1116 habitantes.



Figura 1.1. Mapa do Concelho de Sines

¹ INE, Censos 2001.

A administração local do concelho de Sines é assegurada por três autarquias: o município de Sines e as freguesias de Sines e Porto Côvo. Cada uma das autarquias subdivide-se em dois órgãos: o deliberativo (assembleia municipal e assembleias de freguesia) e o executivo (Câmara, no caso do município, e Juntas, no caso das freguesias).

As competências dos órgãos autárquicos estão estabelecidas no Quadro de Competências e Regime Jurídico de Funcionamento dos Órgãos dos Municípios e das Freguesias, do Diário da República, Lei n.º 5-A/2002 de 11 de Janeiro.

O Serviço de Cultura encontra-se inserido na Divisão de Cultura e Desporto (DCD) e tem a seu cargo a gestão do Centro de Artes de Sines que integra a Biblioteca Municipal, Centro de Exposições, Auditório e Arquivo histórico e o Museu de Sines.²

O Regulamento Interno dos Serviços Municipais estabelece as competências do Serviço de Cultura:

“1. Proceder à articulação das actividades culturais no Município fomentando a participação alargada de associações, colectividades e outras organizações (...); 3. Colaborar com associações e outros agentes culturais na dinamização de projectos culturais e recreativos (...); 6. Apoiar e incentivar as formas tradicionais de expressão das culturas populares (...); 8. Promover os contactos e relações a estabelecer com órgãos de Administração Central e Regional e associações na área da animação cultural e outros afins (...); 10. Assegurar as actividades municipais no âmbito da museologia promovendo a gestão dos museus municipais; 11. Executar programas de extensão cultural que sensibilizem as populações para a salvaguarda e conservação do seu património; 12. Estimular e apoiar o associativismo de defesa do património natural, histórico e cultural do Município; 13. Desenvolver acções e programas diversificados de animação, designadamente itinerários culturais e turísticos na área do Município; 14. Propor e executar programas específicos de prestação e salvaguarda do património cultural popular, tanto material como imaterial; 15. Desenvolver acções de protecção e conservação do património, sensibilizando as populações para a sua preservação. (...)”³

² Cf. Organograma da Câmara Municipal de Sines, em anexo (I).

³ Câmara Municipal de Sines, *Regulamento Interno dos Serviços Municipais*, Maio 2007.

II – VISÃO ESTRATÉGICA CULTURAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINES

Sines é, à sua escala, um dos municípios que mais tem investido na promoção cultural, procurando dinamizar novos espaços e novos públicos. O investimento feito pela autarquia na área da cultura tem o seu retorno comprovado na conquista e formação de novos públicos, no prestígio alcançado reconhecido nacional e internacionalmente, na liderança regional em iniciativas culturais e consequentemente na economia local que directamente beneficia e é incrementada pelas visitas geradas ao concelho a partir da sua dinâmica cultural.⁴

A Câmara Municipal de Sines assumiu uma política baseada no desenvolvimento e sustentação de uma actividade cultural suportada em projectos e programas orientados para a formação e o enriquecimento educacional e cultural dos indivíduos e da sociedade no seu todo e para o desenvolvimento económico e social de Sines.⁵

É exemplo disso, o Festival Músicas do Mundo (FMM), que possuiu um investimento por parte da autarquia, de cerca de 900.000 € para o ano de 2009.⁶ Desde 1999, estiveram no FMM cerca de 412 mil pessoas.⁷

Em Abril de 2008, abriu uma Escola da Artes, visando no futuro, um projecto artístico mais amplo para servir a região em que se integra, com a música como primeiro serviço prestado.

O Centro de Artes de Sines inaugurado em 2005, integra num único edifício, desenhado pelo premiado Atelier Aires Mateus, quatro equipamentos: um centro de exposições, a nova biblioteca municipal, um auditório de 175 lugares e o arquivo histórico municipal. É o mais importante equipamento cultural de Sines e tem características que o tornam único no sul do país.⁸

⁴ Cf. <http://www.ine.pt> [acedido em 20/02/2010] de acordo com os dados do INE no Anuário Estatístico da Região do Alentejo de 2008 – Os indicadores da cultura e desporto por município de 2008 revelam que as despesas em cultura e desporto no total de despesas, o concelho de Sines atingiu os 25,3%, sendo que a média no Litoral Alentejano ronda os 11,7% e a nível nacional é de 10,8%.

⁵ Câmara Municipal de Sines, *Grandes Opções do Plano, 2010- 2013*, Dezembro de 2009.

⁶ Câmara Municipal de Sines, *Grandes Opções do Plano 2009-2012*, Dezembro de 2008.

⁷ Cf. <http://fmm.com.pt> [acedido em 20/02/2010]

⁸ Cf. <http://www.sines.pt> [acedido em 20/02/2010]

A autarquia tem vindo também a investir no seu património histórico, com as obras de recuperação do seu Castelo, classificado desde de 1933 como Imóvel de Interesse Público e actualmente cedido à Câmara pela Direcção Geral do Património do Estado, destinando-se o seu uso exclusivo a actividades culturais. Têm-se desenvolvido diversas actividades de animação do espaço, com destaque para a realização do FMM que vem reforçar o seu carácter de centralidade da cidade.

O Castelo encerra no seu interior o núcleo sede do Museu de Sines e a Casa de Vasco da Gama, instalados nos edifícios interiores e inaugurado em Novembro de 2008. A sua recuperação envolveu um investimento de 900 mil euros, co-financiado por fundos comunitários do FEDER, através do Plano Operacional da Cultura, e contou com a colaboração científica do IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico.⁹

O Largo Poeta Bocage, situado junto da entrada do Castelo e da Igreja Matriz de São Salvador (em vias de classificação) foi reconvertido, com uma vocação virada prioritariamente para a população mais jovem. Foi nesse largo, inaugurada em 2005 a Casa da Juventude com uma forte componente para o exterior. Foram melhoradas e alargadas as condições da esplanada favorecendo a permanência e usufruto do Largo.

A Câmara tem também apostado nos seus recursos naturais e paisagens privilegiadas, utilizando a Avenida Vasco da Gama, ou Avenida da Praia como cenário para diversas iniciativas culturais. Lá se comemora o 25 de Abril e durante o verão (início do mês de Julho) é o local privilegiado para uma mostra gastronómica, “As Tasquinhas”, cuja estrutura se prolonga até ao FMM. Durante esse evento é criado um dos palcos que comporta o maior número de espectadores (cerca de 15.000).¹⁰

2.1. Programa de Regeneração Urbana - PRU

A estratégia seguida pela Câmara nos últimos anos conduziu a um programa de Parceria para a Regeneração Urbana, onde se procura articular os diversos equipamentos culturais, imóveis de interesse patrimonial, espaços urbanos, eventos culturais e associações implantadas no terreno, de forma a maximizarem os seus esforços criando sinergias que conduzam não só à recuperação e requalificação urbana do Centro Histórico da Cidade, mas também à implementação de um programa cultural

⁹ Cf. <http://www.sines.pt> [acedido em 20/02/2010]

¹⁰ Cf. <http://fmm.com.pt> [acedido em 20/02/2010]

transdisciplinar, que envolva a população e que assuma força e personalidade significativas para se projectarem no panorama nacional e mesmo internacional.

O Programa de Acção para a Regeneração Urbana de Sines, tem por objectivo global, *“recuperar e reinventar a identidade da Cidade de Sines, criando uma base sólida para promover uma dinâmica sustentada de reforço da sua posição sistema urbano regional e nacional, de crescimento económico e de desenvolvimento social e cultural”*.¹¹

“Eixo Estratégico 1 – Reconciliar a Cidade de Sines com a sua Vocação Atlântica: Promover a ligação funcional entre o Centro Histórico da Cidade de Sines e a sua Frente Marítima e de melhorar as condições de fruição dos importantes activos naturais existentes.

Eixo Estratégico 2 – Reinventar o Centro Histórico: Reverter a degradação do Centro Histórico da Cidade de Sines

Eixo Estratégico 3 – Dinamizar a Rede de Pólos Culturais e a respectiva Animação: Desenvolver culturalmente a cidade e o centro histórico de Sines enquanto dimensão determinante da valorização identitária.

Eixo Estratégico 4 – Promover a Revitalização Económica e Social: Revitalizar económica e socialmente a área de intervenção.

*Eixo Estratégico 5 – Gerir com Eficiência o Programa de Acção e Garantir a sua Notoriedade: Implementar um sistema de governação - que se pretende profissional, eficiente e eficaz – com o envolvimento activo e concertado dos parceiros que se associam na concretização de acções e de investimentos complementares.”*¹²

¹¹ Câmara Municipal de Sines, *Programa de Acção para a Regeneração Urbana de Sines*, Sines, 2009, pp. 4

¹²Cf. Câmara Municipal de Sines, 2009, ob. cit. pp. 4

III – PROJECTO DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO ESTÁGIO

O Estágio do Mestrado em Práticas Culturais para Municípios, decorreu no Museu de Sines, tendo aí sido acompanhado todo o processo de desenvolvimento da estratégia acima descrita. Mais do que o acompanhamento das tarefas diárias do Museu o trabalho centrou-se no desenvolvimento de um projecto que estando previsto no plano de actividades desta instituição, ainda não tinha tomado forma. Insere-se num programa designado “Redes do Tempo” lançado em 2007, onde se procura registar a memória oral deste Concelho, profundamente marcado pelas mudanças abruptas que caracterizaram a sua história recente.

O programa “Redes do Tempo” baseia-se na realização de entrevistas, que documentem o passado e o presente das populações, as principais actividades e memórias. Procura-se também documentar os contextos e a utilização dos objectos das colecções do museu, bem como os edifícios e os espaços públicos da cidade.

As tabernas foram ao longo da História, para além de espaços comerciais, importantes locais de convivialidade e de manifestações culturais espontâneas. São espaços em perigo de extinção, arrastando com eles a perda de toda uma identidade cultural.

Não se pretende fazer um levantamento exaustivo das antigas tabernas mas sim o reconhecimento das tabernas actuais ainda em funcionamento e as suas presentes vivências.

3.1. As Tabernas

*“Tabernas: s.f. Loja onde se vende vinho a retalho; bodega, tasca (...) Casa de pasto ordinária, reles.”*¹³

Procedeu-se inicialmente ao enquadramento teórico com a recolha de vários documentos alusivos às tabernas e estudos realizados nos vários pontos do país, para definir o real significado de taberna e a sua evolução ao longo dos tempos.

A definição do termo taberna remonta à época romana e significa “barraca de madeira” tendo em conta o material com que era feito, *trabes*.¹⁴ A taberna tinha um significado abrangente e designava o que hoje em dia designamos por loja, estabelecimento

¹³ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa: Editorial Enciclopédia, [19..], p. 483.

¹⁴ Trave de madeira, barrote.

comercial. Assim, era necessário acrescentar um adjectivo de forma a clarificar a actividade exercida, a taberna actual, como nós a entendemos hoje em dia, era designada por *taberna uinaria* (tasca, taberna). De referir que já na época a taberna não fornecia apenas bebidas mas também petiscos para saciar a fome.¹⁵

As Tabernas assumiram desde muito cedo um papel importante nas comunidades em que se inseriram, sendo testemunhos da vida económica, social, cultural e, até política, das populações.

Após a revolução francesa a taberna assume-se como uma nova forma de vida pública e exige a presença da população masculina onde todos se entregam à alegria, a embriaguês e ao canto. No entanto os arredores da taberna são também locais propensos às rixas dos operários advindo do consumo excessivo de vinho.¹⁶

Proliferaram como espaços de venda a retalho, de produtos alimentares, designadamente, produtos locais e regionais, com evidência para o vinho, tornando-se pólos de sociabilidade, sobretudo, entre as classes populares. O que a define especificamente é a existência de um local de consumo de vinho e de germinação de sociabilidades específicas, precisamente em torno do vinho que “*pressupõe a relação social e produz a sociabilidade.*”¹⁷

Relativamente às formas de beber nas tabernas, podemos afirmar que elas possuem um significado sociológico, adquirindo mesmo contornos de ritualidade. Segundo Andrade (1998: 243), “*a taberna, enquanto lugar principal de realização da prática pública de beber, trabalhou assim, desde cedo, como uma instituição de sobrevivência de uma larga franja da população portuguesa.*”¹⁸

O jogo é a actividade que mais se relaciona à actividade de beber da taberna podendo revestir-se de diferentes naturezas: os jogos de destreza e os jogos de dinheiro e de azar. Os jogos lúdicos constituem uma acção socializada. Segundo Serra (2004: 121), “*este espaço propiciava a recuperação psicológica e muscular das actividades quotidianas,*

¹⁵ KLEBERG, T., *Hôtels, restaurants et cabarets dans l'Antiquité romaine*, Uppsala, Universitatis Regia Upsaliense, 1957, pp 21.

¹⁶ ARIÉS, Philippe, DUBY, Georges (dir.), “*História da vida privada : da Revolução à Grande Guerra*”, Vol. 4, Porto, Afrontamento, 1990.

¹⁷ FERNANDES, António Teixeira, “Espaço Social e suas representações”, in *Sociologia Revista da Faculdade de Letras do Porto*, n. 7, 1997, pp. 27

¹⁸ ANDRADE, Pedro de, “*O beber e a tasca: práticas tabernais em copo vínico*”, *Povos Culturas*, Lisboa (3), 1988, pp. 243

tão desgastantes (...) realizadas num clima de liberdade, alegria e descontração, sem grandes preocupações utilitárias e materiais.”¹⁹

A taberna é um espaço de práticas quotidianas inerentes a uma interação *face a face* entre os taberneiros e os clientes. Esta interação é marcada por determinados rituais que a caracterizam, tais como beber à saúde, concurso de beber, rodadas, entre outros. O ritual de beber cria um espírito de grupo entre os clientes da taberna, uma vez que, embora o acto de beber seja individual, o facto de um conjunto de indivíduos o fazer no mesmo local, tendencialmente da mesma forma, isto é, seguindo as mesmas etapas, leva a que este se torne num ritual colectivo e social.²⁰

Contudo, dadas as exigências da vida moderna, assiste-se, por vezes, à reestruturação do espaço da taberna. Presencia-se a tentativas de adaptação às novas exigências impostas pelo desenvolvimento urbano, e que conduzem, por exemplo, o proprietário a adequar o espaço da taberna ao serviço de refeições.

Interessa então definir que o que está em causa no presente estudo, procuramos as tabernas e tasquinhas propriamente ditas, estabelecimentos que funcionam essencialmente com a lógica tabernal, onde o ritual colectivo e social à volta de um copo de vinho e de um petisco se repete.

Os estudos existentes aos quais tivemos acesso abrangem maioritariamente a zona norte do país. Tal não se deverá com certeza à ausência de tabernas na região sul mas sim à ausência de uma investigação relacionada com o tema.

3.2. Breve Abordagem Histórica de Sines

Após a recolha bibliográfica para definir e entender o sentido da taberna, consideramos pertinente entender a história do território em análise.

Procedeu-se então à pesquisa de documentação relativa ao concelho de Sines e mais especificamente à sua zona histórica, de forma a apreender os diferentes aspectos da história local para uma melhor compreensão da sociedade sineense.

¹⁹ SERRA, Mário Cameiro, “*Jogos Tradicionais ao serão e na Taberna*”, Lisboa, Edições Colibri, 2004, pp. 121.

²⁰ ANDRADE, Pedro *Beber, Poder e Saber. Consumos sócio-simbólicos e culturais nos estabelecimentos de bebidas*, Vol. I, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Tese de Doutoramento, doc. policopiado, 2001-2002, pp.614.

Devido à sua localização geográfica a história de Sines está impreterivelmente ligada ao mar. O mar e os seus recursos definiram a economia, a cultura, a gastronomia e até o carácter dos seus habitantes ao longo dos séculos.

Foi no período Romano que Sines se define pela primeira vez como um centro portuário e industrial. A baía de Sines torna-se o porto da cidade de Miróbriga. O canal da Ilha do Pessegueiro é usado para funções portuárias e salga de peixe. Uma possível hipótese de etimologia de Sines é romana: "*sinus*" - baía ou "*sinus*" - seio, que é a configuração do cabo de Sines visto do Monte Chãos. O povoamento do centro de Sines - zona do castelo - começa com os Romanos. As qualidades da baía - protegida das nortadas - num litoral alentejano com poucos abrigos naturais conferem-lhe interesse portuário.²¹

É a partir do século XII que Sines, enquanto povoação da Ordem de Santiago, adquire autonomia administrativa em 24 de Novembro de 1362. Dom Pedro I concede carta de elevação de Sines a vila interessado na sua função defensiva da costa, colocando como condição a construção de um Castelo.²²

Os mesmos atributos que tinham atraído os Romanos vão fazendo renascer o povoado com o avanço da Idade Média: a alta falésia, preciosa para a defesa; a baía profunda, capaz de receber navios de todos os calados e protegida das nortadas; o mar abundante em peixe.

É no início do século XIV que a pesca e o comércio marítimo assumem uma importância crescente na economia local, grande parte do rendimento da comenda era proveniente do mar.²³

O concelho de Sines foi constituído, até 1485, pelas freguesias de Sines, Colos e a área hoje correspondente à freguesia de Vila Nova do Milfontes. Em 1485 D. João II, com o objectivo de povoar essa área do litoral alentejano, criou o concelho de Vila Nova de Milfontes, em que se insere o Cercal. Em 1499 Colos tornou-se igualmente um concelho. O concelho de Sines adquire então a área e a configuração que mantém até aos nossos dias.²⁴

²¹SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquim, *Ilha do Pessegueiro - Porto Romano da Costa Alentejana*, Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa, 1993.

²²SOLEDADE, Arnaldo, Sines, *Terra de Vasco da Gama*, Câmara Municipal de Sines, Sines, 1999

²³QUARESMA, António Martins, *Sines no Trânsito da Época Medieval para a Época Moderna*, publicado in. "Da Ocidental Praia Lusitana" , Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Administração do Porto de Sines, Lisboa, 1998, pp. 59.

²⁴SOLEDADE, Arnaldo, ob. cit..

A fortaleza de Sines terá sido construída durante a primeira metade do século XV. Como em Setúbal, e ao contrário de Santiago do Cacém ou Palmela, o castelo surge "*não ao serviço de um poder senhorial, mas para defender as riquezas de um burgo que desabrochava, anunciando uma nova ordem económica e social associada ao movimento de ascensão da burguesia*"²⁵

No final do século XVI surgiu o projecto de um grande porto artificial na ilha do Pessegueiro. Comandado por Filipe Terzi, ao serviço de Filipe I de Portugal, previu que o movimento do futuro porto motivasse a construção de uma cidade naquela arriba. No entanto problemas na construção do paredão e o estorvo constante dos corsários ingleses provocaram o abandono da obra. Na última década do século XVIII, o ancoradouro natural volta a motivar interesse. Jacinto Bandeira, membro da burguesia mercantil, funda Porto Covo no pressuposto de ali virem a ser construídos um grande porto de pesca e outro de comércio.²⁶

No século XIX, com o Liberalismo, e a extinção das ordens religiosas, o concelho deixa de pertencer à Ordem de Santiago e acaba por ser extinto em 1855 sendo integrado em Santiago do Cacém como freguesia de São Salvador. Tais factos não impediram que a segunda metade do século XIX, apesar da perda da autonomia administrativa, tenha sido um dos períodos mais florescentes da história de Sines. A instalação da indústria corticeira e das conservas, bem como de pequenas fábricas de destilação e artesanato (padarias, sapateiros), tornou a vila atractiva para o seu primeiro período de imigração, embora este tenha sido algo tímido.²⁷

Em meados do século XIX, um jovem médico algarvio escreve a primeira monografia de Sines conhecida, "Breve Notícia de Sines". Sines de acordo com Francisco Luís Lopes é uma vila com problemas, mas aberta e tolerante.²⁸

É após a implantação da república, em 1914 que o concelho de Sines é restaurado. A vila mostrava já uma face diversificada no início do século XX. A pesca, alguma agricultura (especialmente a vinha) e o turismo balnear constituíram as bases da economia sineense na primeira metade do século XX. Ao longo das primeiras décadas,

²⁵ SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina, *Para uma Arqueologia do Castelo de Sines*, publicado in. "Da Ocidental Praia Lusitana", Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Administração do Porto de Sines, Lisboa, 1998, pp.42

²⁶ Cf. SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquim, ob. cit.

²⁷ Cf. SOLEDADE, Arnaldo, ob. cit.

²⁸ LOPES, Francisco Luís, *Breve Notícia de Sines*, Câmara Municipal de Sines, Sines, 1985.

as indústrias da cortiça e das conservas de peixe ganham cada vez mais importância, mas não o suficiente para uma mudança significativa no modo de vida da população.²⁹

O desenvolvimento da vila de Sines apresenta uma estagnação entre a II Grande Guerra e a década de 70. A indústria corticeira ganha novos concorrentes para o fabrico de materiais idênticos, o porto e as acessibilidades não sofrem obras importantes ou desenvolvimentos. Sines era então considerada como a praia de banhos do Alentejo, visitada pelos grandes lavradores de Beja e Santiago do Cacém.³⁰

No início da década de 70 assiste-se a uma mudança brusca no quotidiano e nas vivências dos sineenses. O governo de Marcelo Caetano decide instalar no concelho, um grande complexo portuário industrial. As unidades a ser instaladas nesse grande complexo seriam, nomeadamente, uma refinaria, cujo objectivo seria a substituição gradual da de Cabo Ruivo, uma petroquímica, uma siderurgia e outras unidades de capital intensivo. Esse pólo deveria gerar uma dinâmica de desenvolvimento integrado, a partir das facilidades criadas pelas infra-estruturas instaladas e pelo incremento de novas actividades associadas às indústrias básicas do local. Depois se ponderar opções como Alcochete, Setúbal e até Sagres, decidiu-se por Sines, devido às águas profundas que detinha (ideais para a atracagem de barcos de grande calado), à favorável orientação do litoral e à própria localização geográfica do cabo. Sines oferecia condições óptimas de concorrência para o tráfego de redistribuição de ramas para a Europa. Para o planeamento e coordenação da criação das infra-estruturas na zona, Marcelo Caetano cria o Gabinete da Área de Sines - GAS (11 de Junho de 1971), instituto público dependente directamente do presidente do Conselho.³¹

Ainda na fase da criação das infra-estruturas um acontecimento inesperado abala o projecto nas suas fundações. Em 1973, com a guerra do Yom Kyppur, surge a grande crise do petróleo, o que origina a modificação da conjuntura internacional e em particular a crise dos sectores ligados ao petróleo. O crude aumenta quatro vezes de preço e a rentabilidade da refinaria é posta em causa. A reabertura do Canal do Suez acentua o problema, pois contribui para tornar obsoletos os grandes petroleiros que o complexo de Sines estava preparado para receber. Este e outros acontecimentos fazem

²⁹ CAMPOS, Maria Manuela V. da Silva, *Monografia de Sines*, 1ª Edição, Escola Primária nº 1 de Sines, Sines, 1985.

³⁰ Cf. CAMPOS, Maria Manuela V. da Silva, ob. cit.

³¹ Gabinete da área de Sines, *"Estudo para a localização de uma área concentrada de indústrias de base"*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1971.

com que o complexo não se consiga afirmar na escala inicialmente prevista e viva em constante incerteza ao longo dos anos 80, quando é apelidado de "*elefante branco*", expressão figurativamente aplicada a uma coisa, objecto ou negócio de conservação muito dispendiosa, sendo o seu rendimento de pouca ou nenhuma utilidade.³²

Com as infra-estruturas concluídas, o Gabinete de Área de Sines é extinto formalmente em 1988, sendo as suas funções, pessoal e património, transferidos para outros organismos do Estado e para as autarquias.

No final dos anos 90 e início do século XXI assiste-se a um relançamento do complexo, em especial, na componente portuária, com a construção de um porto de contentores (Terminal XXI) e de um terminal de gás natural liquefeito.

A população explode e diversifica-se, a paisagem ganha novas configurações e a comunidade luta para manter a sua integridade e a qualidade de vida, mitigando os impactos negativos da instalação das novas unidades e aproveitando os positivos (mais e melhores postos de trabalho, maior desenvolvimento da economia local, mais e melhores infra-estruturas).

3.3. Caracterização socioeconómica do Concelho

Consideramos pertinente efectuar uma breve caracterização socioeconómica do Concelho para um melhor entendimento da diversidade da população sineense e da sua transformação ao longo dos anos.

Devido ao seu carácter industrial, Sines possui uma percentagem significativa de população flutuante, o que naturalmente influencia a economia do concelho.

Historicamente verifica-se que as décadas de 50 e 60 caracterizaram-se por uma diminuição acentuada da população residente no concelho à semelhança do cenário existente no resto do país. As razões associadas a este declínio relacionam-se sobretudo com o êxodo rural, a emigração para outros países (por motivos económicos e políticos) e a guerra nas ex-colónias ultramarinas.³³

A década de 70 foi marcada por profundas transformações, as quais suscitaram um novo ciclo económico no concelho. Estas transformações, foram motivadas pela deliberação do Governo Central da localização de uma área industrial em Sines (que incluía a

³² <http://www.sines.pt> [acedido em 20/02/2010]

³³ CAMPOS, Maria Manuela V. da Silva, ob. cit.

construção de um porto oceânico, a instalação de uma refinaria e de um complexo petroquímico).³⁴

Na realidade a construção desta área industrial promoveu entre 1972 e 1976 uma explosão no crescimento demográfico, o qual não sofreu grandes oscilações, desde então. Só entre 1972 e 1981, a população da área de Sines aumenta 92%, devido ao impacto conjugado da imigração (cujo grande surto se deu entre 1972 e 1979) e do rejuvenescimento (maiores taxas de fecundidade e natalidade, menor taxa de mortalidade) por ela introduzido.³⁵

O acréscimo populacional verificou-se principalmente nos centros urbanos, contrastando com o despovoamento rural devido à atracção urbana e às expropriações. A nova população é maioritariamente masculina composta por técnicos (vindos de Lisboa e da zona de Setúbal) e operários não qualificados (originários do interior do concelho e do Alentejo). Muitos destes operários têm ocupações temporárias na construção das infra-estruturas do complexo e não chegam a contribuir verdadeiramente para um acréscimo da população residente. É ainda de destacar, a partir de 1974, a vinda de um contingente importante de população proveniente de África (portugueses regressados das ex-colónias e cabo-verdianos).³⁶

O aumento de população é acompanhado por uma total inversão da distribuição da população activa pelos diferentes sectores de actividade.

De acordo com dados do GAS publicados no 1.º Congresso do Alentejo, o sector primário ocupava 54% da população activa em 1972, mas apenas 27% em 1981. Já o sector secundário cresceu de 18 para 38%. O sector terciário passou a ocupar 45% da população activa em 1981, quando em 1972 significava apenas 28% da força de trabalho.³⁷

A instalação do complexo de Sines foi traumática para muitos sineenses, especialmente para os pescadores (no que toca à pressão ambiental sobre os recursos marítimos) e para os pequenos proprietários agrícolas, cujas terras foram expropriadas para a construção das infra-estruturas. O dinheiro recebido com as indemnizações, não era suficiente para comprar novas terras e os proprietários de outrora viram-se no estatuto mais precário de

³⁴ Gabinete da Área de Sines, 1971, ob. cit.

³⁵ Câmara Municipal de Sines, *Diagnóstico Social do Concelho de Sines*, Sines, Janeiro 2006.

³⁶ Câmara Municipal de Sines, *Diagnóstico Social do Concelho de Sines*, Sines, Janeiro 2006.

³⁷ GABINETE DA ÁREA DE SINES - *Relatório de Gestão 1986*. Gabinete da Área de Sines. 1ª Edição. Santo André: Gabinete da Área de Sines, 1987.

trabalhadores por conta de outrem. Quando a construção acabou, sem terras para onde regressar, ficaram sem ocupação sustentável.³⁸

Em Sines, o aumento da população não foi acompanhado pelo aumento das novas construções. Em 1976, 43,5% das famílias viviam em situação de sobrepovoamento. As rendas para fins habitacionais eram elevadas. Rulotes e casas de madeira substituíram parte da habitação em falta.³⁹

A partir de 1980, com a conclusão da construção da refinaria e complexo petroquímico, paralelamente com o novo impulso auferido a Santo André, diminuiu a pressão populacional sobre a vila de Sines. Nas décadas de 80 e 90, nomeadamente pelo dinamismo do poder local, a situação de Sines a nível habitacional, ordenamento, infra-estruturas e saneamento básico conseguiu reequilibrar-se.⁴⁰

Entre 1972 e 1976, deu-se uma quadruplicação dos rendimentos médios mensais devido à criação de novos empregos mais bem remunerados. Os salários médios na vila de Sines triplicaram no mesmo período. No entanto, a instabilidade do mercado de trabalho e o grande número de empregos temporários provocou algumas situações de expectativas defraudadas.⁴¹

Só mais recentemente, em 1993, com a entrada em funcionamento do Terminal de Carga Geral e início da construção do Terminal XXI se constatou uma vez mais um acréscimo populacional.

Trata-se de um concelho com uma grande capacidade de atracção de imigrantes e turistas, somando 5 mil habitantes flutuantes à população presente. Sines é hoje um pólo de desenvolvimento regional, encontrando-se no concelho, um dos maiores portos oceânicos de águas profundas do país e do mundo. A dinâmica populacional introduzida pelo desenvolvimento industrial é responsável directa pelo actual crescimento demográfico concelhio.

3.4. Natureza do trabalho de estágio

Na tentativa de ver o enquadramento teórico adequado a uma situação concreta chegou então a altura de referir o estudo empírico levado a cabo.

³⁸ LEAL, Américo, *Quem somos – testemunhos*, Edição de autor, 2001.

³⁹ PACHECO, Francisco do Ó, *Textos escolhidos, 1976-2001 - 25 anos de poder local democrático*, Edição de autor, Sines, 2001

⁴⁰ Cf. PACHECO, Francisco do Ó, ob. cit.

⁴¹ <http://www.sines.pt> [acedido em 20/02/2010]

A primeira fase deste estudo compreendeu a realização de uma entrevista exploratória a um interlocutor privilegiado com o intuito de entendermos a dimensão do fenómeno tabernal.

A entrevista semi-aberta realizada foi ao antigo Presidente da Junta de Freguesia de Sines, Sr. António Correia que possui um conhecimento vasto da história de Sines, por sempre ter tido “*curiosidade e vontade de preservar a nossa história...*”.⁴²

Infelizmente não se recorda de todos os nomes das tabernas, apenas dos seus proprietários. Começou por enumerar as tabernas do campo⁴³: (i) a *Taberna da Bêbeda*, localizada no lugar da Bêbeda; (ii) a *Taberna Tio António Catarino*; (iii) a *Taberna do Carlos Matias*; (iv) a *Taberna do Tio David* no Paiol; (v) a *Taberna da Tia Maria Candeias* no Casoto; (vi) a *Taberna do Tio Zé Vale Claro* na Cerca Velha; (vii) a *Taberna do Tio Zé Albino* na Barbuda; (viii) a *Taberna do Tio Chico Martinho* na Ribeira do Moinhos.

Dentro da vila, o Sr. António Correia identificou: (i) a *Taberna do José Búzio* (actual Varanda do Oceano); (ii) a *Restinguinha*; (iii) a *Adega de Sines*; (iv) a *Taberna do Júlio da Sofia* (actual Cantinho Alentejano); (v) a *Taberna do Henrique Maú* (actual Flor de Sines). Todas as tabernas mencionadas foram convertidas em restaurantes.

Identificou igualmente as diversas tabernas que existiam espalhadas por toda a vila entre os anos 50 a 80: (i) *Taberna do Zé Maria*; *Taberna do Severo*; (ii) *Taberna do Ilídio*; (iii) *Taberna a Pérola do Rossio*; (iv) *Taberna do Chico Marrequinho*; (v) *Taberna do José dos Santos*; (vi) *Taberna o Bocarras* que possuía adega assim como a (vii) *Taberna do Chico Samirro* e a (viii) *Taberna do José da Graça*; (ix) *Taberna do Luís Parola*; (x) *Taberna do João Pica*; (xi) *Taberna a Caninha Verde*; (xii) *Taberna do João Maú*; (xiii) *Taberna do João Liote*; (xiv) *Taberna Ramiro Beja*; (xv) *Taberna José Corronha*; (xvi) *Adega do Areeiro*; (xvii) *Taberna Quinta das Flores*; (xviii) *Taberna do Chico Boticário*; (xix) *Taberna do Elídio*; (xx) *Taberna do Chico Rabaneta*; (xxi) *Taberna A Parreirinha* e (xxii) *Taberna do António da Piedade*.

As únicas que ainda permanecem enquanto tabernas são: *o Valentim*; *o Zé Pinheiro* (encerrou pouco tempo depois da entrevista); *o Encalho* e *o Vilvaldo*.

⁴² Entrevista (data da entrevista)

⁴³ Mapa em anexo

A documentação disponível no arquivo histórico municipal é muito escassa e dispersa sendo que a única forma de confirmar a existência dessas tabernas e o seu período de funcionamento revelou-se muito pouco profícua, uma vez que os registos correspondem à *Relação dos indivíduos que requerem licença ao Governo Civil do Distrito*⁴⁴, onde constam os nomes dos proprietários, o local do estabelecimento, a designação do estabelecimento e o emolumento do requerimento. Os referidos documentos encontram-se arquivados junto da correspondência da autarquia que ainda se encontra por organizar. Essa informação é porém muito insuficiente, uma vez que apenas nos fornece dados acerca das actividades desenvolvidas pontualmente, não sendo possível determinar o período de funcionamento do estabelecimento. Assim, guiar-nos-emos pela memória do Sr. António Correia, de 67 anos e autarca de 1991 a 2009.

Existem hoje, na cidade de Sines, apenas quatro tabernas. Em tempos passados, a vila de Sines chegou a possuir e usufruir de cerca de trinta e cinco. Este fenómeno de dimensão económica, sociológica e cultural de certo vulto, poderá certamente fazer parte do programa de qualquer investigação futura relativa à história social e económica deste concelho.

Não sendo esse o objectivo deste trabalho, impunha-se no entanto um olhar e reflexão sobre o passado e o presente, nomeadamente, através da recolha da memória oral.

A segunda fase deste estudo traduz-se num “*passeio*” pela cidade de Sines com o propósito de identificar os espaços tabernais. Foram então identificados quatro espaços: *o Valentim*, *o Zé Pinheiro* (à data da elaboração do presente Relatório, este estabelecimento encerrou), *o Encalhe* e *o Vilvaldo*. Três destes estabelecimentos estão localizados na zona histórica, território alvo da intervenção do Programa de Regeneração Urbana, o quarto, *o Encalhe*, localiza-se na periferia do centro histórico. Daremos uma especial atenção a um outro estabelecimento que identificamos durante o reconhecimento territorial, que apesar de não possuir a designação de taberna, mas sim de Sociedade Columbófila Vasco da Gama, reúne todas as características de uma típica taberna e é o local de eleição de muitos pescadores reformados. Este espaço, também ele não se encontra inserido na área de intervenção do PRG, mas não queríamos deixar de referir esse caso que se apresentou como um exemplo de preservação da função

⁴⁴ Exemplo em Anexo (II)

social da taberna, a socialização.⁴⁵ Para além do reconhecimento da cidade, procuramos conhecer a realidade das tabernas no campo e entrevistamos uma antiga proprietária, cujo testemunho será analisado mais adiante.

Elaborou-se então um guião de entrevista semi-aberta para conduzir a conversa que pretendíamos levar a cabo com os actuais proprietários das tabernas. Procurou-se focar várias dimensões do fenómeno, designadamente: (i) Dimensão temporal (o tempo de funcionamento da actual gerência); (ii) Dimensão espacial (localização do estabelecimento); (iii) Dimensão social (caracterização dos frequentadores; os produtos consumidos; horário de funcionamento); (iv) Dimensão cultural (práticas culturais, gastronomia), com o intuito de entender a função das tabernas ainda em funcionamento.

Visitamos todos esses estabelecimentos, no período após o almoço, período com menor afluência de clientes permitindo assim aos proprietários dedicar-nos um pouco do seu tempo. A entrada não foi fácil uma vez que a nossa presença despertou olhares de estranheza e de interrogações, agravado ainda pela nossa condição feminina. A taberna continua a ser um espaço eleito por excelência por uma população masculina, um espaço fechado, restrito em tamanho e em acesso.

A taberna do *Valentim*⁴⁶, devido à sua centralidade e proximidade abrange os clientes mais diversificados, localizada na praça do Rossio, continua a ser identificada pela população como a taberna por excelência⁴⁷. O proprietário, o Sr. Valentim abriu a casa, *“fez 47 anos no passado mês de Janeiro”*. Antigamente a taberna encontrava-se no meio de comércio diversificado, *“ao lado tinha um talho e uma mercearia e do outro lado uma casa de fazendas, este espaço sempre foi de taberna.”* Explorou o espaço durante 5 anos sozinho e depois de casado, a esposa fazia-lhe companhia e ajudava naquilo que era preciso. Depois da mulher falecer ainda teve uma empregada mas essa também viria a morrer e há mais de 5 anos que está sozinho. Actualmente não tem horário de funcionamento, *“é como o comboio da beira baixa, partia quando partia e, chegava quando chegava, não tinha horários.”*

O balcão, assim como um louceiro que se encontra por trás, com uma cor azul semelhante às embarcações,⁴⁸ ainda são de origem, já lá estavam quando adquiriu o estabelecimento e, até hoje não sentiu a necessidade de os trocar. O espaço encontra-se

⁴⁵ Mapa de localização em anexo (III)

⁴⁶ Entrevista realizada a 20 de Janeiro de 2010.

⁴⁷ Anexo (IV, 4.1.1)

⁴⁸ Anexo (IV, figura 4.1.2)

desprovido de mesas e cadeiras mas em contrapartida repleto de objectos diversos, de uso tipicamente masculinos, que comercializa, como sendo facas, canivetes, “gillettes”, espuma de barbear, entre outros⁴⁹. Para além do vinho (“o melhor das redondezas”), que é adquirido em barril a um produtor de Palmela⁵⁰, numa outra prateleira podem ver-se conservas de atum e sardinha⁵¹. Essas últimas são para consumo na casa, como já não se dedica aos petiscos, os clientes acompanham o copo de vinho com um petisco improvisado.

A afluência de clientes dá-se principalmente no final da tarde, depois das 17h00. Trabalhadores da Câmara, das entidades bancárias da proximidade e operários fabris, partilham no final de um dia de trabalho um momento de descontração e de lazer à volta de um copo de vinho.

As manifestações culturais são espontâneas, o cante alentejano domina o repertório de alguns frequentadores que, levados pelo calor do vinho manifestam assim a sua arte e recordam o passado. Dentro da taberna ouve-se um rádio que transmite canções de outros tempos. Quando o tempo começa a aquecer a taberna estende-se para o exterior onde são frequentes alguns jogos de cartas numa mesa improvisada. O espaço alberga inúmeras referências históricas e culturais, posters antigos de equipas locais de futebol⁵², a “sabedoria” popular transcrita em azulejos⁵³, pequenos objectos típicos alentejanos que foram acumulados ao longo dos anos, detêm algum destaque⁵⁴.

A *Casa Pinheiro*⁵⁵, designada pela população de Zé Pinheiro, por ser o nome do actual proprietário, é dos espaços visitados com uma área maior. O rés-do-chão é dedicado à taberna, prolongando-se até ao 1º andar enquanto casa de pasto. A sua localização, em plena zona histórica e a caminho da lota, caracteriza os seus clientes, na sua maioria pescadores. Neste estabelecimento os petiscos são mais variados, raia frita, pata-roxa⁵⁶, moreia frita, petinga⁵⁷, são alguns dos acepipes que se podem encontrar. A taberna já tem alguns anos, não sabe precisar, *uns 50 talvez*, mas só está na posse dos actuais proprietários há 16 anos. O Sr. Zé trespassou o espaço, outrora conhecida por *Adega dos*

⁴⁹ Anexo (IV, figura 4.1.2)

⁵⁰ Anexo (IV, figuras 4.1.3. e 4.1.4)

⁵¹ Anexo (IV, figura 4.1.5)

⁵² Anexo (IV, figura 4.1.6)

⁵³ Anexo (IV, figura 4.1.7)

⁵⁴ Anexo (IV, figura 4.1.8)

⁵⁵ Entrevista realizada em 27 de Janeiro de 2010.

⁵⁶ Tubarão costeiro

⁵⁷ Espécie de sardinha pequena

Penedos ao antigo proprietário⁵⁸, o *Cardita*. Anos mais tarde o filho, João Pinheiro veio a compra-la possuindo o alvará, que hoje em dia já não existe, de taberna e casa de pasto. Frequentemente joga-se às cartas ou ao “*não te irrites*”⁵⁹, e espontaneamente canta-se à desgarrada o tradicional cante alentejano e o fado. A referência à música encontra-se bem patente na decoração.⁶⁰

O balcão, tal como a anterior taberna possui o azul das embarcações⁶¹, Os seus clientes são na sua grande maioria pescadores mas são muitos os engenheiros das grandes empresas locais que fazem lá uma paragem para beber do seu vinho tirado directamente do barril. A casa de pasto transformou-se num local de eleição de muitos jovens, regularmente são realizados jantares de grupos. Pela sua localização e vista panorâmica sobre a baía de Sines, são visitados frequentemente por turistas que se encantam pelas pipas de vinho e pela tradicional decoração. Estão bem visíveis as referências ao mar e ao futebol⁶², antigas “medidas” de vinho,⁶³ servem de objecto de decoração, assim como as colecções de objectos como isqueiros e porta-chaves⁶⁴.

*O Encalho*⁶⁵, localiza-se numa zona mais afastada da cidade rodeado por prédios de habitação. Foi provavelmente o espaço mais degradado, e com menos higiene em que o desconforto da nossa presença foi mais acentuado. O que mais caracteriza o local é provavelmente o cheiro forte a álcool. Servem principalmente vinho e outras bebidas alcoólicas para além do café, deixou de servir petiscos há muitos anos.⁶⁶

No período da manhã e princípio da tarde é frequentado principalmente por reformados operários⁶⁷ que residem nas proximidades que passam os seus dias a jogar às cartas, ao dominó ou ao “*não-te-irrites*”. No final da tarde, os clientes dividem-se entre trabalhadores da obra que se encontra a decorrer em frente ao espaço, operários e jovens estudantes do liceu que se encontra a proximidade.

⁵⁸ Anexo (IV, figura 4.2.1)

⁵⁹ Jogo de tabuleiro

⁶⁰ Anexo (IV, figura 4.2.2)

⁶¹ Anexo (IV, figura 4.2.3)

⁶² Anexo (IV, figura 4.2.4)

⁶³ Anexo (IV, figura 4.2.5)

⁶⁴ Anexo (IV, figura 4.2.6)

⁶⁵ Entrevista realizada em 3 de Fevereiro de 2010.

⁶⁶ Anexo (IV, figura 4.3.1)

⁶⁷ Anexo (IV, figura 4.3.2)

A actual proprietária, D. Maria Vidal de 69 anos é dona do estabelecimento há 24 anos⁶⁸. Sempre foi ela que esteve atrás do balcão porque o marido preferia “*andar por fora*”. Abre as portas às 9h00 e encerra às 00h00, mas hoje em dia, após a morte do marido, quem fica à noite, é o genro. A D. Maria, demonstrou-se muito desconfiada e muito pouco à vontade durante toda a entrevista e não foi fácil conseguirmos obter toda a informação que pretendíamos.

Apesar de afirmar que hoje em dia a música já não faz parte dos rituais da casa, as suas manifestações passadas estão expostas nas paredes onde a alusão ao fado está bem patente.⁶⁹ Talvez pelo seu afastamento do centro e a sua proximidade com o espaço que antigamente era destinado à agricultura, alguns instrumentos agrícolas também fazem parte da decoração⁷⁰, assim como a alusão ao mar não deixa de estar presente.⁷¹

A “*Tasca Raminhos*”⁷², conhecida pela população por *O Vivaldo*, nome do proprietário⁷³, é o estabelecimento com menos visibilidade mas sem dúvida o melhor conservado. Localizado na avenida General Humberto Delgado, principal acesso de entrada e saída da cidade, local onde os hábitos tabernais se mantêm assim como os clientes há mais de 35 anos. As poucas mesas existentes encontram-se ocupadas na sua maioria por antigos operários reformados a jogarem às cartas, frequentavam-na enquanto eram novos, e mantêm assim a tradição.⁷⁴ O vinho é o mais procurado acompanhado por alguns salgados, pataniscas, peixe frito ou carne frita.

A D. Maria Balbina, a actual arrendatária do estabelecimento, de 58 anos, trespassou o espaço há 11 anos e herdou os clientes. O vinho, de Palmela, continua a ser vendido ao copo e provém do barril que armazena numa arrecadação que designa de adega, é das poucas que possui o alvará para a venda de vinho em barril.⁷⁵ Ainda mantêm as antigas medidas que já só utiliza ocasionalmente quando algum cliente pede um litro para consumo doméstico.⁷⁶

Abre o estabelecimento às 8h30 e encerra às 21h00, mas é depois das 17h00 a clientela diversifica-se. Funcionários da Câmara e das fábricas recorrem ao estabelecimento

⁶⁸ Anexo (IV, figura 4.3.3.)

⁶⁹ Anexo (IV, figura 4.3.4)

⁷⁰ Anexo (IV, figura 4.3.5)

⁷¹ Anexo (IV, figura 4.3.6)

⁷² Entrevista realizada em 10 de Fevereiro.

⁷³ Anexo (IV, figura 4.4.1)

⁷⁴ Anexo (IV, figura 4.4.2)

⁷⁵ Anexo (IV, figura 4.4.3)

⁷⁶ Anexo (IV, figura 4.4.4)

diariamente após o horário de trabalho e permanecem até ao encerramento, desfrutando do vinho e do petisco.

No local encontrava-se o proprietário da taberna, o Sr. Vivaldo, com 86 anos. Referiu que comprou o espaço em 1974 e o construiu de raiz. Abria as portas às 7h00 e só o fechava depois das 22h00. Durante os primeiros 5 anos trabalhava sem descanso para poder pagar as dívidas que tinha contraído para a construção, depois passou a fechar ao sábado. O balcão e os azulejos permanecem os mesmos da época⁷⁷. As alusões à cultura tradicional estão também representadas na decoração mas de uma forma mais ordenada do que nos restantes estabelecimentos visitados.⁷⁸ Os clientes eram mais, porque “*antigamente podia-se estacionar na avenida, agora como é um local de passagens de carros as pessoas já não param*”. Os clientes procuravam o vinho a cerveja e os petiscos que iam variando entre o peixe frito e a pata-roxa de molho. Frequentemente reunia-se na taberna, um grupo de cantares alentejano “*Os Amigos de Sines*” que espontaneamente ensaiavam o seu repertório.

Durante o percurso feito pela cidade, fomos encaminhados para um estabelecimento frequentado por antigos pescadores, uma colectividade designada a *Columbófila*. Localizado junto às escolas, ao campo de futebol, numa zona de comércio e de mercado semanal, abrange dois bairros típicos da cidade que albergam grande parte dos pescadores reformados⁷⁹.

O bar abriu no dia 2 de Março de 1987, a Câmara Municipal, ofereceu à Sociedade Columbófila um pré-fabricado para a criação de uma sede.⁸⁰ O Sr. Armando na altura, por motivos de saúde teve que abandonar o seu ofício de construtor naval e o presidente da sociedade, na altura propôs-lhe abrir e gerir o estabelecimento. Inicialmente era só para uso dos sócios, mas rapidamente foram acolhidos outros clientes. O horário de funcionamento é das 7h00 às 21h00, porque gosta de trabalhar de manhã. Logo cedo recebe muitos dos trabalhadores que residem nas proximidades para o pequeno-almoço.

As manifestações culturais desenvolvidas naquele espaço chamaram-nos à atenção uma vez que possuía todos os predicados de uma típica taberna. O vinho e a aguardente são

⁷⁷ Anexo (IV, figura 4.4.5)

⁷⁸ Anexo (IV, figura 4.4.6)

⁷⁹ Entrevista realizada em 10 de Fevereiro de 2010

⁸⁰ Anexo (IV, figura 4.5.1)

os mais procurados,⁸¹ mas ali, o petisco é uma opção recorrente, peixe frito, peixe de escabeche, moelas de molho entre outros, são alguns dos pitéus que se podem saborear.⁸² O Sr. Armando cultivava com os seus clientes o gosto pelo convívio, e o prazer de uma boa conversa, “*aqui, discute-se de tudo, pesca, futebol, e política, é uma casa democrática, mas sempre com normas (...) disciplina acima de tudo.*” É frequente realizar-se uma “*jantarinho*” de amigos em que cada um partilha os seus pitéus à volta de um copo de vinho e cantando o fado.⁸³ A clientela durante o dia vai variando, cedo, é frequentado por operários, durante o resto da manhã vão chegando os pescadores e após o almoço os antigos pescadores ocupam o espaço até ao final da tarde e ao domingo nos dias de jogo do Vasco da Gama (equipa local), é lá que se festejam as vitórias e se discutem as derrotas. “*Aqui aceitamos toda a gente, desde que seja com respeito*”. A referência ao clube local encontra-se em destaque nas paredes⁸⁴ assim como as típicas frases populares escritas em azulejo.⁸⁵

Julgamos pertinente, para completar essa viagem pelas tabernas, seleccionar uma taberna antiga, para entender as vivências passadas. Entendemos assim optar pela *Adega de Sines* por ser um notável exemplo de arquitectura “*Art Deco*”, com o interior e o mobiliário bem preservados, para além da antiga proprietária ainda se encontrar viva.

Deslocamo-nos até à casa do filho da D. Maria Cortes com quem vive desde a morte do marido.⁸⁶

A D. Maria nasceu em 1917 em Sines e foi aí que casou e criou dois filhos. Aos trinta e seis anos juntamente com o marido resolveu arrendar a *Adega de Sines* que durante cerca de dez anos funcionou como taberna. A sua localização era propícia para o negócio, uma vez que se encontra em frente ao Castelo junto ao largo do Bocage, onde era realizado o mercado diário. Abria as portas diariamente das 7h00 às 22h00 e o negócio era gerido apenas por ela e o marido. As suas tarefas confinavam-se à cozinha onde preparava diversificados petiscos e o marido estava atrás do balcão a servir os clientes. Os seus fregueses eram maioritariamente pescadores que para além de lhe fornecerem o peixe e o marisco para os petiscos, eram clientes diários. Para além do

⁸¹ Anexo (IV, figura 4.5.2)

⁸² Anexo (IV, figura 4.5.3)

⁸³ Anexo (IV, figura 4.5.4)

⁸⁴ Anexo (IV, figura 4.5.5)

⁸⁵ Anexo (IV, figura 4.5.6)

⁸⁶ Entrevista realizada em 24 de Fevereiro de 2010.

habitual vinho, eram servidos diversificados petiscos maioritariamente de peixe, raia frita, sardinha frita, e marisco, lagosta (que devido ao seu tamanho não podiam ser comercializados na lota e eram vendidos por um preço baixo aos estabelecimentos de restauro), camarão de Sines, percebes, entre outros.

Após uns anos enquanto taberna, resolveram diversificar o negócio e transformá-lo em restaurante. Nessa altura os clientes mudaram. A *Adega de Sines* funcionava então como restaurante nos tempos de almoço e de jantar, e, como taberna nas outras horas do dia. Os pescadores mantinham a sua rotina e frequentavam o estabelecimento durante o período da manhã e da noite. Os almoços eram servidos principalmente a funcionários da Câmara e do Hospital, devido à proximidade geográfica dos seus locais de trabalho.

A D. Maria refere que eram tempos difíceis, mas no seu estabelecimento não se falava de política e raramente aconteciam distúrbios. As actividades que desenvolviam eram espontâneas, os clientes jogavam essencialmente às cartas e ao dominó.

Actualmente, a “*Adega de Sines*” mantém o ramo da restauração e, como já foi referido, permanecem os traços típicos da taberna antiga, o balcão de pedra forrado a azulejo, as mesas corridas com bancos de madeira. Os seus clientes são na sua maioria operários fabris, funcionários do comércio local, de instituições bancárias e do serviço público.

Deslocamo-nos, ao campo para entrevistar a antiga proprietária de uma taberna localizada no lugar do Paiol, à taberna do *Catarino*, a Sra. Cidália Maria Dimas, a esposa do Sr. Catarino.⁸⁷

A taberna foi ampliada há 8 anos e transformou-se num café, no entanto a antiga taberna mantém-se com o seu antigo balcão forrado a azulejo e assume hoje em dia o papel de mercearia que satisfaz as necessidades básicas dos residentes do lugar.

A Sra. Cidália de 70 anos, casou aos 19 anos nos anos 50 e foi trabalhar junto do marido que tinha herdado a taberna do pai. Na época servia-se o vinho e a aguardente, a cerveja só veio depois do 25 Abril, antes disso “*os clientes não lhe pegavam muito, cheguei a ter uma grade mais de seis meses sem vender um única cerveja, depois virou moda e começaram a pedir mais*”. Os clientes eram na sua maioria residentes, trabalhadores agrícolas, que nos dias de mau tempo se refugiavam na taberna para jogar às cartas em frente a um copo de vinho e um petisco, que era feito com aquilo que houvesse na

⁸⁷ Entrevista realizada em 24 de Fevereiro de 2010.

altura, a caldeirada de peixe, a açorda e as sopas de tomate eram os mais procurados e elogiados.

Nas tardes longas de verão os homens reuniam-se para jogar ao *paulito*, jogo semelhante à malha mas realizado com paus de madeira. O fecho foi-se prolongando até à meia-noite, depois de se ter cantado à desgarrada à luz do candeeiro a petróleo.

Reformou-se aos 66 anos e durante esse tempo esteve sempre atrás do balcão. Actualmente quem gere o estabelecimento que se converteu em café, é a nora e o filho e de vez em quando a D. Cidália, dá uma ajuda para recordar o passado.

Após esta “viagem” pelas poucas tabernas existentes em Sines e na tentativa de perceber o quotidiano desses estabelecimentos ainda em funcionamento, podemos fazer uma breve caracterização comum a todas.

As características arquitectónicas são muito semelhantes, todos eles estão confinados a um espaço exíguo em que as cores fortes são predominantes, principalmente o azul, alusivo à cor das embarcações de pesca, o balcão ocupa o maior destaque do local, as exigências legais obrigaram a sua substituição e perderam as suas características originais do tampo em madeira e forrado a azulejo. Apenas algumas mesas completam o mobiliário. A abundância de colecções de objectos predominam na decoração, isqueiros e porta-chaves são recorrentes e, revelam uma linguagem expositiva muito própria destes espaços, cuidada, mesmo quando não o parece, e profundamente carregada de símbolos identitários, sejam eles ligados ao mar e à pesca, aos clubes de futebol ou ao fado. É patente um gosto pela acumulação dos objectos, cobrindo totalmente as paredes ou em prateleiras, até mesmo suspensos no tecto, misturando num caos organizado os produtos destinados à venda com os objectos de colecção. Nalguns casos surgem ainda os retratos de antigos frequentadores que marcaram a memória colectiva. O consumo alterna-se entre o vinho e a cerveja sendo o bagaço procurado principalmente após o almoço. Os petiscos escasseiam, os pratos à base de peixe típico da costa alentejana, como a pata-roxa ou a petinga, são os mais frequentes mas a procura “*já não é o que era*”. O jogo mantém uma função social no quotidiano dos frequentadores das tabernas, mais acentuado na população mais idosa, as cartas, o dominó e o não-te-irrites continuam a ser os mais jogados. Os clientes variam muito de acordo com a localização da taberna e a hora do dia, de manhã cedo os operários, os reformados vão preenchendo os tempos mais calmos, no final da manhã e início da tarde, no final da tarde, regressam os operários até ao encerramento.

Esta abordagem permitiu-nos compreender ainda que de uma forma sucinta, as características das tabernas ainda em funcionamento. Inicialmente, pretendia-se criar um roteiro das Tabernas Históricas de Sines, e, com a participação dos proprietários, preconizar a divulgação da gastronomia da área em apreço e revitalizar esta mais-valia para a Cultura e o Turismo da cidade e do concelho. Procurou-se então acompanhar iniciativas semelhantes organizadas noutras cidades do País.

Assim, daremos como exemplo a “*Rota das Tabernas de Coimbra*” e “*A Rota das Tabernas de Grândola*” que passaremos a desenvolver.

Em 2009 a Câmara Municipal de Coimbra inicia o levantamento exaustivo das tabernas do concelho, tendo encontrado numa primeira fase 27 estabelecimentos em pleno funcionamento. Pretende com este levantamento traçar um "mapa" de zona de tabernas e um roteiro de "comes e bebes" tradicionais, factores que resultarão numa mais-valia turística e cultural para Coimbra e a Região Centro.⁸⁸ Esse levantamento levou à publicação de um livro, “*Rota das Tabernas de Coimbra*” sob a coordenação de Mário Nunes.⁸⁹

A Rota das Tabernas de Grândola, já na sua 15ª Edição, envolveu neste último ano 5 tabernas com o objectivo de recuperar e revitalizar esses locais. Esta rota pretende não só divulgar os pratos típicos da gastronomia alentejana como também recriar momentos culturais com poetas populares, cante alentejano, fado e música popular⁹⁰. Também este evento deu origem à publicação de um livro de fotografia de José Manuel Rodrigues.⁹¹

⁸⁸ Cf. <http://www.cm-coimbra.pt> [acedido em 02/10/2009]

⁸⁹ NUNES, Mário (coor.), *Rota das Tabernas*, Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, 2009.

⁹⁰ <http://www.cm-grandola.pt> [acedido em 02/10/2009]

⁹¹ RODRIGUES, José Manuel, TAVARES, Paulino Mota, SARAMAGO, Alfredo, *Tabernas. Um percurso na memória do concelho de Grândola*, Câmara Municipal de Grândola, Grândola, 1998.

IV - PROPOSTA DE UMA PRÁTICA CULTURAL

Este projecto não tem por ambição criar uma rota das tabernas à semelhança da cidade de Coimbra, não só devido à sua dimensão geográfica como também às diferenças culturais e tradição académica. Nem pretende reproduzir a iniciativa da cidade de Grândola tendo em conta a sua proximidade e a duplicação de iniciativas culturais na mesma região.

Sines terá então que encontrar o seu desígnio cultural e elaborar um projecto que vá de encontro à sua identidade, que valorize o património imaterial e urbanístico da cidade assim como os seus recursos locais.

Partindo da vontade política e da disponibilidade financeira proporcionada pelo PRU, julgamos pertinente apresentar uma proposta que vá de encontro aos eixos estratégicos do referido programa.

Neste sentido pretende-se desenvolver um projecto que envolva os diversos parceiros culturais do concelho e dinamize o comércio local. Uma vez que o número de tabernas em funcionamento existentes na área de intervenção do PRU é reduzido (apenas quatro) julgamos que seria pertinente o alargamento do projecto aos restaurantes localizados no centro histórico da cidade.

Passaremos então a apresentar as diversas actividades que se propõem desenvolver no âmbito de uma iniciativa intitulada: *“Sines, uma viagem pelo passado”*. O evento decorrerá durante as duas primeiras semanas de Novembro, mês de São Martinho e vinho novo, sendo que algumas das iniciativas serão realizadas anteriormente.

As entrevistas decorrentes do presente relatório serão divulgadas no jornal do Museu de Sines, de forma a valorizar as tabernas e as memórias dos seus proprietários e utilizadores. O Jornal será distribuído nos estabelecimentos aderentes.

O registo das imagens que ilustram as tabernas referenciadas no âmbito deste estágio será alvo de uma exposição fotográfica e será editado um catálogo, num equipamento cultural da cidade.

Em parceria com a Casa da Juventude e o Centro de Artes de Sines, ambos equipamentos da Câmara Municipal, pretende-se levar a cabo uma maratona fotográfica pelo centro histórico de Sines, subordinado ao tema *“Sines, uma visão sobre o*

presente”. Os participantes da maratona terão ainda acesso a um atelier de Photoshop para o apoio no tratamento das imagens. As melhores fotografias (avaliadas por um júri) serão expostas nos estabelecimentos de restauração aderentes.

Os serviços educativos do Museu, desenvolverão em parceria com as escolas de pré-escolar, do 1º e 2º ciclo de Ensino Básico, ateliers temáticos sobre *jogos tradicionais* que serão acompanhados pelos alunos da Universidade Sénior de Sines. Pretende-se que esses ateliers sejam desenvolvidos em contexto escolar utilizando os pátios das escolas.

A Prova de vinhos será realizada nas 4 tabernas existentes com a colaboração dos produtores vinícolas regionais e do comércio local. A iniciativa decorrerá nos dois fins-de-semana do evento, sendo que será destinado um dia para cada estabelecimento. Cada prova terá acompanhamento musical em parceria com a Escola das Artes de Sines e grupos corais da região.

Durante essa quinzena os restaurantes aderentes poderão promover a gastronomia de Sines baseada essencialmente no peixe, cada estabelecimento terá um prato tradicional que apresentará aos seus visitantes, para além da exposição de fotografia, resultado da maratona fotográfica.

Na noite de São Martinho, será desenvolvida uma animação de rua em parceria com a Escola das Artes e o Teatro do Mar⁹², num passeio pelo centro histórico da cidade, conduzindo o público por uma sucessão de atmosferas sonoras e visuais criadas a partir da história e do património cultural do Concelho.

Nos dois domingos da iniciativa será realizado o *Mercado no Largo*, como uma forma de revitalizar o largo do Bocage com o desenvolvimento de uma feira de produtos regionais com a parceria das associações de artesãos da região, pastelarias e agricultores locais.

O envolvimento das parcerias, a fim de efectivar estas propostas, é fundamental para o sucesso das mesmas.

⁹² Companhia profissional de teatro sediada em Sines com protocolo com a CMS.

CONCLUSÃO

O presente relatório de estágio na Câmara Municipal de Sines, no âmbito do Mestrado em Práticas Culturais para Municípios, apenas retrata parte das tarefas realizado no Museu de Sines. Para além do apoio nas actividades diárias, na montagem de exposições, no auxílio nos lançamentos de livros e no trabalho burocrático, desenvolvemos um projecto que considerámos pertinente destacar ou seja, o levantamento e a recolha da memória das tabernas da cidade de Sines.

O Serviço de Cultura é transversal a outros sectores e necessita de articular com os diversos trabalhadores da câmara, de forma a efectivar todas as suas iniciativas. A carga burocrática é fortíssima e, as tarefas desempenhadas por um funcionário de uma autarquia são sem dúvida diversificadas. A experiência e os conhecimentos que detemos acerca do funcionamento estrutural e burocrático, foi sem dúvida uma mais-valia, porque permitiu um acesso facilitado aos diferentes serviços e ajudou na conclusão de alguns processos.

O tempo disponível para o desenvolvimento de um projecto que requer planeamento, investigação e intervenção, é muito reduzido e consideramos que o levantamento das tabernas que iniciámos poderá ser alvo de futuras investigações de forma a aprofundar o legado cultural que as tabernas representam na história local de Sines. Lamentamos ainda não termos tido disponibilidade para levar a cabo o levantamento das tabernas existentes no campo, o que poderia sem dúvida enriquecer este estudo com a comparação das práticas existentes em contextos geográficos diferentes.

As entrevistas com os proprietários e o contacto com a realidade permitiu-nos avaliar e analisar aspectos arquitectónicos e decorativos que revelaram uma cultura e uma ritualidade que se mantém até hoje. É urgente preservar essa memória e revitalizar esses espaços de forma a evitar a sua extinção. São frequentados maioritariamente por reformados e parte dos seus proprietários não reconhece qualquer futuro na prossecução do negócio.

Este estágio permitiu não só a recolha de parte da memória oral, como também uma reportagem fotográfica, possibilitando o registo e a preservação de parte do património local. Para além disso possibilitou-nos compreender a cultura local de forma integrada na realidade política, económica e social do concelho com base nos conhecimentos da

história local e estabelecer algumas pontes para futuro nomeadamente através dos projectos apresentados pondo em prática os conhecimentos adquiridos. Existe a noção clara que um caminho foi percorrido e alguns paços foram dados para o planeamento de uma prática cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Pedro de, “*O beber e a tasca: práticas tabernais em copo vínico*”, Povos Culturas, Lisboa (3), 1988.

ANDRADE, Pedro *Beber, Poder e Saber. Consumos sócio-simbólicos e culturais nos estabelecimentos de bebidas*, Vol. I, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Tese de Doutoramento, doc. policopiado, 2001-2002

ARIÉS, Philippe, DUBY, Georges (dir.), “*História da vida privada : da Revolução à Grande Guerra*”, Vol. 4, Porto, Afrontamento, 1990.

CAMPOS, Maria Manuela V. da Silva, *Monografia de Sines*, 1ª Edição, Escola Primária nº 1 de Sines, Sines, 1985.

FERNANDES, António Teixeira, “Espaço Social e suas representações”, in *Sociologia Revista da Faculdade de Letras do Porto*, n. 7, 1997.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Editorial Enciclopédia, Lisboa, [19..], p. 483.

KLEBERG, T., *Hôtels, restaurants et cabarets dans l'Antiquité romaine*, Uppsala, Universitatis Regia Upsaliense, 1957.

LEAL, Américo, *Quem somos – testemunhos*, Edição de autor, 2001.

LOPES, Francisco Luís, *Breve Notícia de Sines*, Câmara Municipal de Sines, Sines, 1985.

PACHECO, Francisco do Ó, “*Textos escolhidos, 1976-2001 - 25 anos de poder local democrático*”, Edição de autor, Sines, 2001.

QUARESMA, António Martins, *Sines no Trânsito da Época Medieval para a Época Moderna*, publicado in. “Da Ocidental Praia Lusitana” , Comissão Nacional para as

Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Administração do Porto de Sines, Lisboa, 1998.

SERRA, Mário Cameiro, “*Jogos Tradicionais ao serão e na Taberna*”, Lisboa, Edições Colibri, 2004

SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquim, *Ilha do Pessegueiro - Porto Romano da Costa Alentejana*, Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa, 1993.

SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina, *Para uma Arqueologia do Castelo de Sines*, publicado in. "Da Ocidental Praia Lusitana" , Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Administração do Porto de Sines, Lisboa, 1998.

SOLEDADE, Arnaldo, Sines, *Terra de Vasco da Gama*, Câmara Municipal de Sines, Sines, 1999.

Fontes:

Câmara Municipal de Sines, *Regulamento Interno dos Serviços Municipais*, Maio 2007.

Câmara Municipal de Sines, *Grandes Opções do Plano 2009-2012*, Dezembro de 2008.

Câmara Municipal de Sines, *Programa de Acção para a Regeneração Urbana de Sines*, Sines, 2009.

Câmara Municipal de Sines, *Grandes Opções do Plano, 2010- 2013*, Dezembro de 2009.

Câmara Municipal de Sines, *Diagnóstico Social do Concelho de Sines*, Sines, Janeiro 2006.

Gabinete da área de Sines, "*Estudo para a localização de uma área concentrada de indústrias de base*", Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1971.

Gabinete da área de Sines - *Relatório de Gestão 1986*. Gabinete da Área de Sines. 1ª Edição. Santo André: Gabinete da Área de Sines, 1987.

Sites:

<http://www.ine.pt>

<http://fmm.com.pt>

<http://www.sines.pt>

<http://www.cm-coimbra.pt>

<http://www.cm-grandola.pt>

Anexo I

Organograma da Câmara Municipal de Sines

Anexo II

Relação dos indivíduos que requerem licença ao Governo Civil do Distrito (exemplo de documento)

Anexo III

Mapa de localização das Tabernas

Anexo IV

Reportagem fotográfica (Sofia Costa)

4.1. Taberna do Valentim



4.1.1 Fachada da taberna



4.1.2 O balcão e o comércio



4.1.3. O vinho



4.1.4. A Pipa de Vinho



4.1.5. *O petisco improvisado*



4.1.6. *O futebol*



4.1.7. “Sabedoria” Popular



4.1.8. O Alentejo

4.2. Casa Pinheiro



4.2.1. Adega dos Penedos



4.2.2. A música



4.2.3. O Balcão



4.2.4. O Mar e o futebol



4.2.5. As “medidas”



4.2.6. As colecções

4.2. Taberna O Encalho



4.3.1. O Encalho



4.3.2. Os clientes



4.3.3. D. Maria



4.3.4. O Fado



4.3.5. A agricultura



4.3.6. O Mar

4.4. Tasca Raminhos



4.4.1. O Sr. Vivaldo (2º a contar da esq.)



4.4.2. Os clientes



4.4.3. A pipa de vinho



4.4.4. As “medidas”



4.4.5 O balcão



4.4.6. “Zé Povinho”

4.5 Sociedade Columbófila Vasco da Gama



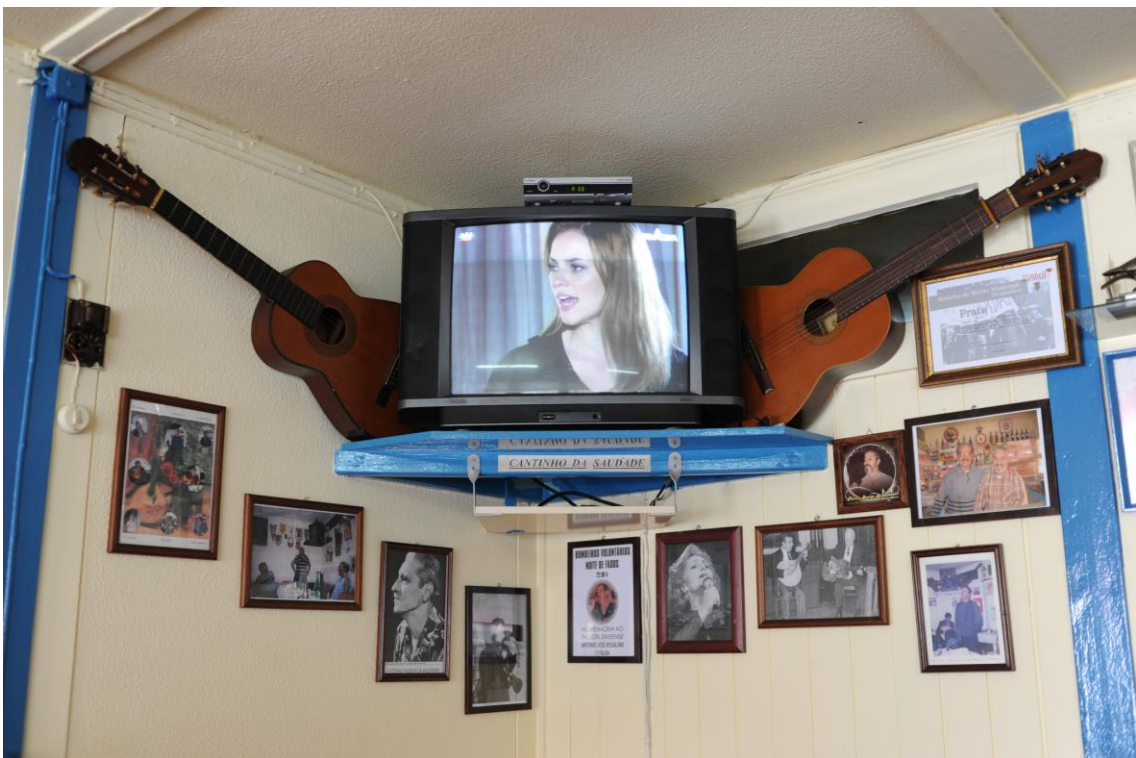
4.5.1. A "Columbófila"



4.5.2. O consumo



4.5.3. Os petiscos



4.5.4. O Fado



4.5.5. O futebol



4.5.6 A "Sabedoria Popular"